

BORRALHO

Falas de

Sónia Barbosa (ATENA), Bárbara Soares (PENÉLOPE), Roberto Terra (EURICLEIA), Hugo Inácio (MELÂNTIO), Ricardo Augusto (EUMEU) e Diana Narciso (NAUSÍCAA)

Supervisão e dramaturgia de

Jorge Louraço Figueira

ATO I

CENA 1

O LARGO DE UMA ALDEIA DAS BEIRAS,
ONDE SE ACENDE O TRONCO.

ATENA: Eu sou Atena,

MULHER 1: A virgem guerreira,

MULHER 2: A deusa do Olimpo,

ATENA: Madrinha de guerra e protetora dos homens do Coronel Odisseu.

HOMEM 1: O meu amigo,

MULHER 3: O meu marido,

MULHER 2: O meu filho.

ATENA: Tenho esta figura humana para não assustar as crianças. E os homens, já se sabe, são como crianças. São todos como crianças, mesmo os que vão à guerra.

MULHER 2: Esses até são mais.

HOMEM 2: Quem não tem saudade dos tempos que passámos em África?

MULHER 2: Só quem não viveu lá.

MULHER 3/ATENA: Eu e ele,

ATENA: Nós,

MULHER 3: Noites a fio,

ATENA: Os dois,

MULHER 3: Sozinhos.

ATENA: A traçar planos, desenhar manobras, inventar armas novas.

HOMEM 2: África é onde se põe à prova o engenho, a manha, o improvisado.

ATENA: Os outros deuses davam luta,

ATENA/MULHER 1: Não se ficavam.

ATENA: Foi por nossa causa que lá ficámos tanto tempo.

HOMEM 2: A guerra não estava perdida.

ATENA: Se não fosse o meu pai Zeus...

HOMEM 1: A paciência de Zeus é tudo menos infinita.

MULHER 2: E de facto o Coronel queria regressar.

MULHER 1: Não perdia a guerra, mas começava a perder a vontade.

HOMEM 2: O filho corria perigo, tínhamos de vir embora.

MULHER 1: A vingança tinha sido prometida e as promessas...

ATENA: São para cumprir.

HOMEM 2: Converti-me à nova missão do Coronel como se fosse minha.

ATENA: E fizemos o caminho de regresso a casa para matar aqueles que deviam morrer por terem tentado matar o filho do Coronel,

HOMEM 2: E aqueles que deviam perder tudo por terem tentado roubar as terras, os animais, a mulher e os homens do Coronel.

MULHER 1: E pus o mesmo empenho na vingança,

MULHER 2: O mesmo empenho que teria posto se ele fosse meu filho e Telémaco meu neto.

MULHER 3: Depois, deixá-lo matar saudades,

MULHER 2: Sentir-se em casa,

MULHER 1: Até ficar farto.

ATENA: E depois, desafiá-lo para novas aventuras, para uma nova missão no mundo,

HOMEM 2: Talvez na América Latina.

ATENA: Devolver os corpos dos homens mortos.

MULHER 3: Começar de novo, outra e outra vez, ao ritmo certo das culturas.

HOMEM 1: O Coronel poupou um homem, para alguém contar a história,

MULHER 1: E esse homem convocou os parentes dos mortos para nova vingança,

HOMEM 2: Fugimos para o alto da serra,

HOMEM. 1: Onde estivemos à espera,

ATENA: E eu hei-de encontrar esse homem, que lançou o alerta, e atirá-lo vivo para este fogo que agora começa.

HOMEM 2: Todos sabem que ele está no meio de nós.

HOMEM 1: Prefiro ser eu a contar a história,

MULHER 1: Do que ele...

MULHER 3: Ou ela...

EUMEU: Ou o senhor ali...

ATENA: Ou vossa excelência. Fiz-me passar por viúva,

MULHER 1: Estrangeira,

ATENA: Negra,

MULHER 2: Mendiga nesta terra onde se recebem os outros como nossos irmãos.

ATENA: Convivi nesta aldeia com homens e mulheres como se fosse um deles, cozendo pão para toda a gente.

MULHER 3: E agora conheço cada um como a palma da minha mão

MULHER 1: E não é exagero nem rima forçada dizer que comi o pão que o diabo amassou

ATENA: Este pão,

MULHER 1: E que é bastante para a deusa do Olimpo,

MULHER 2: Virgem guerreira,

HOMEM 1/2: Atena.

ATENA: Mas não vou ficar a amassar pão eternamente. Quem quiser conhecer a história verdadeira,

venha atrás de mim. Mas em silêncio, que as ruas têm mil ouvidos.

MULHER 3: Atrás de mim.

MULHER 2: Atrás de mim.

HOMEM 1: Atrás de mim.

HOMEM 2: Atrás de mim.

MULHER 1: Atrás de mim.

ATO I

CENA 2

UM FORNO DE PÃO.

ATENA: Os trabalhos domésticos são os mais perigosos. Quem me vê aqui parada, a amassar o pão, a esperar que levede, a pegar na pá, pensa que sou uma dona de casa bem comportada... Mas tudo isto exige muita destreza, meus amores. E paciência. E há padeiras muito conhecidas pelo talento para empalar homens. Ó meus amores, sintam o cheirinho deste pão! Acabadinho de fazer! No forno a lenha, é claro! Comam, comam! E agora já estou a preparar o de amanhã. Não há mãos a medir quando se tem a casa cheia e queremos que as pessoas se sintam bem. E é isso a coisa mais importante, que vocês se sintam bem! E eu adoro fazer pão, sempre adorei, desde pequenina que faço pão. Já com 5 anos metia o pão no forno, sozinha! E modéstia à parte o meu pão é o melhor cá da terra! Esta terra já sofreu muito, e continua a sofrer! Mas eu tenho a certeza que brevemente as coisas vão mudar para melhor!

Eu tenho olhos em todo o lado, e estou em contacto permanente com o Coronel. Posso dizer que estava com ele, quando ele regressou.

O coronel ter deixado escapar aquela maldita testemunha...

Terras abandonadas, por cultivar. Mendigos na rua. Montes de gente a viver à custa do rendimento mínimo. Assaltos a casas e às vezes até mesmo assalto na rua com arma de fogo. Casas abandonadas. Negócios fechados. O centro histórico deserto. Emigrantes por todo o lado.

APONTA UMA ARMA PENDURADA NA PAREDE.

A minha catana que trouxe de uma expedição em África e que me salvou a vida várias vezes. E que também trincha carne como se fosse manteiga.

Neste dia, todos os anos, eu costumo fazer uma pequena celebração com os amigos partilhando a minha comida e a minha casa, para comemorar aquele dia em que o Coronel voltou de África, e numa só noite pôs ordem na sua casa, nas

suas propriedades, na sua família, e consequentemente, pôs ordem cá na terra. Limpou o sebo àquela manada de javalis descontrolados (e não, não estou a falar dos que andam por aí a destruir os milheirais!) - que lhe tinham invadido a casa e andavam a esbanjar e a desbaratar tudo o que lhe pertencia. Os homens quando querem são bem mais ferozes e perigosos do que os animais! E imprevisíveis! Aquilo foi limpinho: planeado e executado na perfeição! Há quem diga que foram 20 homens, há quem diga que foram 50! Há quem diga que foi com armas de fogo, há quem diga que foi com facas, há quem diga que foi com as próprias mãos! Mas eu digo-vos como foi, porque eu tenho olhos em todo o lado, e sei sempre tudo o que se passa. Tudo o que ele fez passou por mim antes, não há nada que não passe por mim, não há nada que eu não saiba, não há nada do que ele fez que não tenha sido eu a enfiar-lhe naquela cabecinha. Foram 13 homens. E a situação envolveu soporíferos, uma arma semiautomática com silenciador, um trator com um atrelado e um curral cheio de porcos. Todos fizeram a sua parte, até Penélope. Era perfeito, perfeito, perfeito! Não fosse aquela testemunha que ele deixou escapar... E agora vocês estão a pensar que esse Coronel é um criminoso, um monstro, um assassino. Mas antes de decidirem o que ele é analisem bem a situação: um homem despede-se da sua família - vai para a guerra. Para trás deixa uma jovem mulher que ama e um filho recém-nascido nos seus braços. Os anos passam, a guerra leva-o a outras guerras. E quando, muito tempo depois, consegue finalmente voltar, encontra os seus antigos conhecidos, os familiares, os rivais, todos em disputa para se apoderarem do seu património, as propriedades depauperadas, os negócios em ruína, a mulher a ser acoitada por pretendentes ofensivos, que se enfiam na sua casa, a esbanjar e a comer tudo o que ele tinha construído com o suor do seu rosto. Mas principalmente, este homem vem a saber, de fonte segura, que há um plano para matar o seu filho, para não o deixar tomar conta do património. O atentado é iminente e ele sabe. Estão a ver a situação? O que deve fazer este homem? Calar-se e comer? Deixar-se ficar? Agir civilizadamente? Ó meus amores, sabem o que vos digo? Quem não se sente, não é filho de

boa gente! Isto é tudo muito bonito, a justiça, os direitos humanos, a igualdade, a fraternidade e essas coisas todas, mas a verdade verdadinha é que não há lugar para todos, meus amores! Por muito que vos digam que há, não há! E depois, como é? "Quem mais berra mais mama"? Mas depois é preciso quem ponha ordem nisto tudo, e o Coronel era o homem certo para isso - era ou não era? Se não fosse aquela testemunha! E umas ideias peregrinas que às vezes lhe entram naquela cabecinha sem eu dar por ela, tudo tinha corrido pelo melhor. Mas ainda vamos a tempo. Ainda havemos de ver os nossos campos cultivados e fartos, as nossas casas cheias de famílias numerosas e felizes, os nossos negócios a prosperar... Todos querem saber para onde fugiu o Coronel... Primeiro, o Coronel não fugiu. Foi visitar o pai, que já não via desde que foi para a guerra, perto da fronteira com Espanha. Mas estamos a planear o seu regresso.

ATO I

CENA 3

UM LAGAR DE VINHO.

PENÉLOPE: O meu filho já é um homem, tem que cumprir o seu papel, assumir as vinhas, fazer-se homem de vez. Desculpem, mas já chega. São mais de vinte anos dedicada a esta terra e só a esta terra. Fiz o que melhor sabia. Não nasci aqui. Nunca abandonei o barco. Houve o ano em que estava grávida e que vomitava com o cheiro das uvas. Houve o ano em que o incêndio de queimou as videiras. Houve o ano em que conseguimos apanhar uma tonelada de uva. E no ano seguinte, metade. "Oh, nem pensar" -- disse o caseiro -- "temos 500 quilos no máximo." "Não seja assim", disse eu. "Não sou assim nem assado, eu conheço estas bichas." E apanhámos 497kg. Perdi, claro. Mas que importava? Estava rodeada de pessoas que conheciam mais da poda, para quem estas terras significavam tanto como para mim. As uvas colheram-se sempre, sempre em Setembro.

APONTA O ESMAGADOR.

A primeira coisa que se faz depois da colheita é separar o engaço das uvas. Chegamos a novembro ou dezembro, nalguns anos tínhamos de matar os animais para não precisar de os alimentar o resto do inverno. Tudo nesta terra é separar bem a uva e misturar bem o vinho. Passei estes anos a separar cuidadosamente o meu papel de esposa e o meu papel de patroa. Agora estamos em pleno inverno, talvez seja chegada a altura da poda. Quantas vezes lutamos juntos contra a adversidade? Podem dizer o que quiserem sobre mim, mas não me podem acusar de falta de lealdade. Podemos continuar, podemos construir, podemos erguer-nos outra vez. O que se passou foi muito grave, ninguém nega. Há quem diga que foi inevitável, que é assim que se recupera a honra, que precisamos de um pulso forte e que eu sou branda demais, que negoceio demais. Mas eu não sei o que fazer se tiver uma navalha ou uma catana nas mãos. Não sou insensível, sei bem que ninguém sai de uma coisa destas ileso e que estamos todos transformados. Mas podemos sarar as feridas, podemos... Sabem como soube

do regresso do Coronel? Pelo caseiro. Chovia a potes. Estava no escritório assoberbada de papeis e ele, que estava de baixa, doente, entrou de rompante, "Conheci um estrangeiro. Diz que se cruzou com o coronel em África. Deixei-o ficar lá em casa. Onde come um, comem dois." Estávamos à beira da rotura, e ainda assim havia espaço para sermos decentes uns com os outros. "Sabes que mais? Vamos abrir uma garrafa de vinho em tua honra." Brindámos e mandei-o embora com uma garrafa para cada um. Eu podia ter ido embora. Abandonado tudo, vendido ao desbarato e ido embora, tantas, tantas vezes me passou pela cabeça. Tive várias oportunidades. Podia ter ido sem olhar para trás. Perguntem à velha ama, ela não me deixa mentir. Mas era como abandonar um filho, e isso uma mãe não faz. Foram tempos conturbados, assumo toda a minha responsabilidade, ao contrário do que já nos habituaram. Eu não fujo, nem me escondo das consequências das minhas decisões. Matei uma pessoa. Quando o Coronel mandou Euricleia fechar as portas para proteger as mulheres, eu fiquei dentro do salão. Fiquei porque quis. Deixei-me ficar junto aos tonéis e às garrafas.

Foi quando os vi ficar desfigurados pela raiva, o meu filho, o Eumeu, o Melântio... e o coronel, a atirarem-se a cada um dos homens como lobos enfurecidos. Cadeiras voaram. A mesa foi empurrada contra a parede, esmagando três homens. Eu não sabia o que fazer. Estilhaços voavam por todo o lado, um rio de sangue misturava-se com um rio de vinho, que escorria pelo chão alagando tudo. E quando dou por mim, tenho uma garrafa partida na mão e o corpo de um homem a cair sobre mim, morto. O corpo de um homem que eu conhecia desde sempre, que tinha os terrenos mesmo aqui ao lado, as vinhas vizinhas. E agora estavam todos mortos, o vizinho, o rendeiro, o primo afastado, o engenheiro, o que nos deve favores, o fiscal da câmara, o advogado, e o vizinho, morto por mim, acidentalmente. Aqui têm: o vosso coronel. Era por ele que esperavam. O salvador, o grande, o magnânimo. Um brinde! Ao nosso casamento. Querem que eu fique casada com ele até que a morte nos separe. Pois esta mortandade toda ainda

renovar os nossos votos. Sabem o que queria? Que isto nunca tivesse acontecido. Que nunca o tivesse conhecido. Que a terra fosse seca, murcha, mais estéril que a mortalha de linho que fiz ao pai dele. Sabem o que é que queria fazer? Cuspir no vinho, amaldiçoar todos o que o bebem. Se para voltar a plantar esta terra tenho de engolir esta mortandade toda, não. Prefiro a pena do exílio.

ATO I

CENA 4

UM ESCRITÓRIO APARENTEMENTE
ABANDONADO À PRESSA, COM UM RÁDIO
DANDO NOTÍCIAS DA GUERRA.

ATO I

CENA 5

UMA BARBEARIA.

EUMEU:

Quem podia confiar na mulher e no filho dele? Estava apenas a segurar as pontas e a tentar cumprir o que o Coronel me pediu quando estávamos na guerra em África, a lutar contra quem contra nós estava a lutar. Ele pediu-me e foi claro quando disse: "Preciso de ajuda da tua parte meu fiel companheiro." Eu apenas disse: "A minha vida pertence ao meu Coronel. Se me pede ajuda, estou aqui, para fazer o que o meu Coronel disser." Ele disse: "Preciso que voltes, que regresse para a casa e que ajudes a defender os meus interesses, a minha mulher e também meu filho." Foi a ordem que ele me deu e, assim que as palavras saíram da sua boca, percebi qual era a missão. Este conjunto de navalhas que uso até hoje foi o meu Coronel que me ofereceu. Como prova da confiança que ele tem em mim e eu nele. Todos os dias a vida dele estava nas minhas mãos... Quando lhe encostava a navalha à garganta, como encostaria à vossa, a vida dele estava nas minhas mãos, ou não era? A minha missão confiou-me o meu Coronel e é dele que recebo ordens desde há muito, desde sempre. Só dele. Ele confiou em mim porque sabia que eu era capaz de cuidar de todas as coisas como se fosse ele próprio. De cuidar das vinhas, dos trabalhadores e das adegas... Eu fui o seu braço direito, e esquerdo! Quando ele veio para limpar o sebo àquele bando de javalis que tentava, por todos os meios, ficar com tudo... Não éramos muitos, mas demos cabo deles. A Penélope ficou lá dentro, a ver o que fazíamos aos que lhe andavam a rondar a casa. O vizinho das vinhas, o engenheiro, o candidato a presidente da câmara, o senhor padre... Este deixamo-lo fugir, com a promessa de não contar nada a ninguém. Também não sei o que estava lá a fazer. E o Melântio, pavio curto, começou logo aos tiros, mas não acertou no indivíduo, e eu tive de ir lá com a navalha terminar o serviço. O cheiro do vinho misturado com o sangue dava vômitos. Podem perguntar ao Melântio, aquele que anda sempre aí a passear o cão. Ele pode confirmar tudo o que digo. Na altura pareceu-me boa ideia dizer ao Coronel

que planeavam matar o seu filho quando este voltasse. Foi o que o Coronel precisou ouvir. Sempre fui fiel. Sempre fui o seu mais fiel soldado. Anda a monte, até poder voltar, sem perigo da vingança dos familiares das vítimas. E eu voltei às navalhas de barbear. Mas quando o Coronel regressar de vez, vou pedir uma reunião... Ele vai gostar de me ver depois da última batalha. Vai-me receber. Vai sentir novamente orgulho em mim e saber que continuo a ser a pessoa indicada para tomar conta de tudo. A mulher deixava-se enganar pelas promessas de investimento dos familiares que lhe andam a rondar a casa. O filho torrava pipas de dinheiro em festas com amigos e não quer saber de nada. Tive de lhe dizer o que ele precisava de ouvir... Tinha provas, documentos... E planos para pôr tudo nos eixos. Fizemos o que tínhamos de fazer. Agora andam a reclamar reparações e indemnizações... E ainda sei o que sou capaz de fazer. Acabar o que começámos. Se for preciso, esta noite, na assembleia.

ATO I

CENA 6

UMA CABANA.

MELÂNTIO:

Eu não contei nada a ninguém. A Nausíca tem falado comigo... Eu só saio de casa para ir a casa da minha mãe, buscar comida, e voltar. E numa dessas visitas quando estava a voltar a minha casa encontrei um mendigo que andava pelas ruas há uns tempos. Como estava a chover torrencialmente convidei-o a entrar e a sentar-se à minha lareira. E nessa noite aquele mendigo contou-me que andava à procura de trabalho nas vinhas do Coronel. Claro, tive de lhe dizer que já não existiam vinhas que se vissem há vinte anos. Que as terras tinham ficado abandonadas e que ficámos todos sem trabalho. Estávamos nesta conversa quando o filho do Coronel me bate à porta a pedir abrigo. Vocês sabem que eu não sou pessoa para deixar ninguém na rua. Jantámos todos e como o vinho estava bom adormecemos todos ao pé da salamandra. E por isso é que a vizinha viu o filho do Coronel a sair de minha casa. Nessa manhã, antes de sair de casa, quem me acordou foi o mendigo. Ele: "És capaz de guardar um segredo?" Eu disse que sim. E ele: "Eu não sou nenhum mendigo. Não me reconheces. Sou o teu Coronel." E era mesmo, eu é que não o tinha reconhecido, com os cabelos brancos, a cara enrugada. Passou uma noite a aproveitar-se da minha boa vontade. E vem com uma proposta. Um plano para devolver o trabalho a todos, a toda a gente nesta terra. A ideia era ir à casa e ameaçar os primos e vizinhos e falsos amigos que estavam na casa a tentar convencer a mulher a vender tudo por meia dúzia de patacos. Mas era só ameaçar! A ideia é que elas apanhassem um susto e fossem embora. Se era para o nosso bem, aceitei. Vocês também não aceitavam? Então fomos eu, o Coronel, ainda como se fosse um mendigo, e o filho do Coronel. E o caseiro, o Eumeu, que agora é barbeiro. Fomos buscar as armas. Eu é que sabia onde elas estavam. Foi cada um com a sua caçadeira. Escondemos as armas no lagar. O coronel, disfarçado de mendigo, entrou na sala de jantar, a pedir esmola aos senhores. Armou uma confusão entre eles: "Como é que entraste aqui?" -- "Vai à cozinha ver se te dão alguma

coisa." -- "Para que é que trouxeram este homem para aqui?" -- "Anda cá, se nos contares uma história, damos-te um naco de carne." Até que um dos senhores, já tocado, agarrou o Coronel por um braço. O coronel estacou e antes que ele tivesse tempo de respirar deu um soco no nariz ao homem. Nesta altura, um dos outros atirou uma cadeira que acertou nas costas do coronel. Quando estava no chão, os restantes quiseram lançar-se a ele e a nós. A situação já estava a sair das nossas mãos. Eu só disparei para o ar, para tentar parar as pessoas. Não acertei em ninguém. Era só para ameaçar. Chegaram as mulheres. Dizem por aí que elas não viram nada, mas é mentira, é só para não as incriminarem. Quem trancou as portas foram elas, a mando da Euricleia. A própria Penélope tem as mãos sujas de sangue. Foi só então que comecei a ver o caso mal parado. A ideia da ameaça já tinha passado a um ato de assassinato. Aquilo já não era ameaça nenhuma. Eu a primeira coisa que fiz, foi respirar fundo, para não me deixar contagiar pela violência. Escondi-me num canto. Mas vi tudo com estes dois olhos. O coronel a espetar a faca num dos homens. O filho a espetar nas costas de outro e as pessoas a correrem de um lado para o outro em pânico. Depois foi a hora das caçadeiras. Ainda tentei sair da sala para pedir ajuda mas a porta estava trancada. Só me lembro de abrir os olhos, ver os corpos no chão, sangue por todo o lado e de não saber nem do Coronel nem do filho, nem do caseiro. Desatei a correr para casa e tranquei-me aqui. Só há pouco tempo é que tenho saído para passear o meu cão. Mas agora estou disposto a contar tudo e até já pensei em ir entregar-me à GNR. Eu um dia destes até já fui lá, mas depois começamos a falar sobre cães e fomos beber um copo e olha... passou a ocasião.

ATO I

CENA 7

UM QUARTO DE ADOLESCENTE, COM UMA
SÉRIE DE VELHAS CARTAS ESPALHADAS
PELO CHÃO.

ATO I

CENA 8

NA RUA.

NAUSICAA:

Eu já tenho uma testemunha ocular. Não tenham medo. Eu só quero justiça. Por favor... Ele era teu amigo, e degolaste-o. Morto. A minha vontade é matar-te. Não pensaste que o meu pai não queria aquilo que era teu? Antes mesmo que ele pudesse explicar-te, antes mesmo que ele pudesse dizer-te que aquilo que ele queria era tua ajuda. Está frio. Esta é a minha casa, sempre foi. Era do meu pai. Olho por olho, dente por dente. O Coronel levou para a guerra os nossos homens há vinte anos atrás e quando regressou, sem fazer perguntas degolou os restantes que estavam em casa dele. O coronel mandou fechar as portas do salão, disse ao filho para ir buscar as armas, as caçadeiras que estavam guardadas, enterradas pelo Melântio, e começou a disparar sobre os homens, um a um. Os outros não fizeram nada, foi ele quem matou todos os homens. Os outros só iam lá para ameaçar. Agora todos guincham, depois de mortos. E vivos também. Nem todos os homens são iguais, Coronel. Matar é fácil. Já ninguém acredita na justiça? Achas que não tenho vontade de te matar? Depois, o Coronel assumiu que tinha sido o único responsável por tudo o que aconteceu, diz-se que foi para libertar o filho do crime. O corpo na terra. Têm frio? Eu tenho frio. Deu-se como culpado, mostrou-se arrependido, e colocou a culpa nas feridas emocionais da guerra e por isso perdoaram tudo. Perdoaram. Se eu pudesse, punha-te a ti e, aos outros que te ajudaram, todos aqui, em fila de joelhos. Cortava-te a cabeça, fazia-te guinchar como porco que és. Deixava que o teu sangue lavasse a rua. Tinha tudo isto de vermelho. Dava o teu corpo de comer aos que te amam, e quando só restassem ossos, deixava-os aqui a apodrecer como estátuas, para lembrar a todos a carnificina. Matar-vos a todos. Justo. Cortar as cabeças dos que te comeram, ouvir os ossos a estalar, a estalar. Como é que se perdoa um massacre destes? Todos têm medo, e ele sabe. Governa-os pelo medo. As mãos cheias de terra. E ele nos meus braços. Estas casas que aqui estão apodrecem como as entranhas do Coronel, e não

as dão a ninguém. Nem quem merece, ou precisa. Nunca mais consegui tirar a terra fria das unhas. Dá-me as minhas terras. Diz-me onde está o meu pai enterrado. Estou cansada. Sabes que já não durmo? Lembras-te de quando em criança a correr á porta da tua casa caí e esfolei as canelas? Lembras-te como me pegaste ao colo e me limpaste as feridas? Coronel? Foste amável, bondoso. Eras belo, como a estátua de Pelide. Devia ter-te morto nesse momento. Estava na aldeia à espera que o meu pai voltasse, quando vieste da guerra. Quero enterrar o corpo do meu pai, nas terras que ele mais amava... O Coronel trancou os homens dentro da casa, e impediu-os de sair. Ele e o seu filho com a ajuda de mais dois homens: aquele que agora é barbeiro e o outro que anda sempre por aí a passear o cão. Mataram todos os que lá estavam. Todos sabem, mas ninguém quer falar: "Não posso, menina. Eles matam-me. Eu tenho duas filhas pequenas. Precisam de um pai." Não tenham medo. Eu só quero justiça. Por favor, Não se vão embora. Fala. Confessa. Ajudem-me. As terras. Sozinha. Larga-me. Confessa. Já. Fala. Por favor. Estou completamente sozinha. Parem. Parem de guinchar. Pai. Pára. Sangue a lavar as ruas. De joelhos como estátuas. Ossos a estalar. Na terra. O corpo dele frio, na terra. Está frio. Os meus braços. Traidor. Morto. Morto. Uma mortalha de linho. Não tenham medo. Eu só quero justiça. Por favor. Eu já tenho uma testemunha ocular. Só preciso de o convencer que não há perigo de ser incriminado, que não tem de ter medo de falar.

ATO I

CENA 9

UMA MESA DE CANTO COM VELHAS
FOTOGRAFIAS, EM MOLDURAS DE VÁRIOS
TAMANHOS.

EURICLEIA: É tudo mentira! Eu nunca vi nada. Penélope é a própria figura da fidelidade. Intocável. De tudo o que aconteceu, o que eu não consigo perdoar, é que o Coronel tenha abandonado tudo e todos para ir para a guerra. Foi a maior desgraça que aconteceu a ele e a toda a família.

A vinha está tão mal tratada, a casa já não tem o mesmo brio que tinha antes. As festas que acontecem têm sempre mau ambiente e terminam em confusão... já ninguém trabalha com gosto. Antigamente a vinha era um espaço de família, com constantes banquetes, bom ambiente, convidados de todo o lado. Os empregados eram felizes, bem tratados, recebiam bem e a bom tempo. Agora a vinha (e a casa) tornaram-se quase uma ruína.

Quando o Coronel regressou, eu estava trabalhar, na casa principal da vinha, junto da esposa e das outras criadas. Era uma espécie de governanta, responsável pelo bom funcionamento da casa: fazia os horários dos empregados, garantia que a cozinha tinha tudo o que necessitava, que a casa estava sempre limpa e em bom estado. Fui também responsável por criar e educar o jovem filho do Coronel, que atingia então a maioridade.

APONTANDO UMA DAS FOTOS:

Esta é a fotografia do Coronel antes de ele partir para a guerra, que é a melhor e a mais presente memória que se tem do Coronel como ele era, em toda a vida.

Toda a gente engana a morte, uma vez ou mais na vida. Vocês souberam da forma como mataram o coronel? Aqueles bárbaros, mais de 50, foram eles que provocaram aquela matança toda! Eu mandei fechar as portas porque o Coronel me mandou, mas se fosse hoje tinha-me posto entre ele e os outros homens. Quando voltei a abrir as portas já não era ele, ele já não estava

lá. Eu devia ter visto antes. Só ouvi o Coronel a mandar o filho buscar as armas ao lagar, não quis ouvir mais nada. O meu menino não, nunca! O meu menino nunca matou, nem nunca mataria ninguém! Tenho a certeza. Nem mesmo quando ele foi lá para a guerra, que foi a pior coisinha que ele podia ter feito, nem mesmo lá ele matou alguém. Eu vi-o crescer, conheço-o melhor que ninguém. E agora morreu. Está morto. À mão daqueles abutres, que andaram aqui a rondar e a cobiçar o que não era deles! Até à mulher do Coronel, eles tentaram deitar a mão! A rondá-la e a desrespeitá-la por baixo do teto dela! Eu nunca vi nada. Juro que nunca vi nada. Nunca ouvi nada. Juro. A sorte é que ela nunca desistiu do nosso menino, e foi tão lindo como lhes passou a perna a todos... Ficaram, como parvos, eternamente à espera que ela terminasse a mortalha de linho interminável para o sogro. Se não fosse a criadita, ainda hoje estavam à espera. E haviam de ver como isto era dantes. Uma casa de família, feliz, banquetes sempre cheios de gente, música, vinham convidados de todo o lado. Uma maravilha. Perguntem a quem quiserem, ao Eumeu, ao Melântio... E eu comandava esta casa com ninguém, funcionava tudo às mil maravilhas. Nunca faltou o que fosse na cozinhas, os salões sempre impecáveis, prontos a receber gente. E os empregados eram felizes, bem tratados, recebiam bem e a bom tempo. Até que chegou aquela gente, e a pouco e pouco começaram a apoderar-se de tudo e trouxeram ruína a esta casa. Mas eu sempre tive esperanças que ele havia de regressar, e que havia de salvar a casa, a vinha, o filho, a esposa... E quando voltou bastou-me ver aquela cicatriz. Era o meu menino que ali estava à minha frente. O rosto envelhecido, a pele encarquilhada. Mas aqueles olhos ainda eram os de Odisseu. E os meus olhos encheram-se de lágrimas e com a voz presa na garganta disse: "Odisseu, meu querido filho. E eu que não te reconheci, antes de te tocar com as minhas mãos". Assim falei e olhei para Penélope, para lhe contar. Mas o Coronel puxou-me para junto de si e disse: "Cala-te, para que mais ninguém se aperceba. Preciso saber quem está do meu lado." Dito isso, enchi o peito e respondi-lhe: "Meu filho! Sabes como é o meu feitio,

firme e teimoso. Não direi nada ninguém." E o Coronel escondeu a cicatriz com os farrapos. Aquela cicatriz que eu reconheceria em qualquer pele. Foi a última vez que o vi como ele era. O menino que eu vi crescer com os meus olhos? Está morto. Morto. Morto, morto, morto! Levaram-no aqueles canalhas. E não me venham dizer que aquela desgraça toda foi obra dele. O diabo que vos carregue se desrespeitarem a memória daquele rapaz! A culpa é de todos vocês, homens, que pagam guerra com guerra, e depois deixam-nos, a todos, abandonados, nesta ruína de vida! Mataram o meu menino e mataram toda a aldeia! E agora querem culpar minha patroa, por ela ter atraído esses homens. Os que vão para a guerra e deixam as mulheres abandonadas à mercê de estranhos, agora vêm pedir contas a elas?

ATO II

CENA 1

ASSEMBLEIA NO SALÃO NOBRE.

PENÉLOPE: Sejam bem vindos a esta assembleia. Gostava de agradecer a presença a todos. Chegou a hora de pormos as nossas divergências de parte para podermos construir um caminho em conjunto. O que se passou foi grave, mas chegou a altura de pormos uma pedra no assunto para podermos sair deste impasse, que não nos permite conviver em paz uns com os outros. Temos de pôr o bem comum acima dos nossos interesses pessoais e pensarmos na união do nosso povo. Pela paz, pelo bem comum, pela nossa aldeia. Para provar que estou comprometida com esta ideia, anuncio aqui perante todos que estou disposta a renunciar ao meu poder na vinha que, como todos sabem, foi o projeto de toda a minha vida. Dou a minha palavra.

NAUSÍCA: Não estou aqui por causa do meu pai, mas de toda a aldeia. Uma aldeia que anseia por paz, por resolução, por perdão. Uma aldeia que se reconhece nos atos do Coronel e que anseia por seguir o seu exemplo. Todos nós sabemos que o Coronel é um homem justo e leal aos seus. Mas tal como os deuses conseguem cometer crimes contra as suas próprias leis, quando cedem ao seus desejos mais carnais, também esse desígnio é próprio dos homens. E por isso, em nome das famílias das vítimas do massacre, agradeço a convocatória, Penélope, para estar aqui hoje presente e assumo-a com os maiores desejos de que seja restituída a paz. Porque a paz é um bem absoluto, que quando é roubado, deve ser devolvida intacto.

EUMEU: Todos se lembram de como era antes de o coronel ir para a guerra. A prosperidade... todos estávamos bem. Ele cuidava de todos nós e sentíamo-nos seguros a viver sob a sua liderança. É isso que devemos esperar que volte a acontecer com o seu regresso. Quando o coronel regressar, quando nós formos capazes de criar todas as condições para o seu regresso, vamos conseguir voltar a viver em paz uns com os outros. O coronel não mudou. Continua a ser um homem bom, de bom coração. Continua a ser o menino da Euricleia...

Continua a ser um bom marido... Continua um homem dedicado à terra e aos seus homens... Acreditem. O Coronel ama esta terra e foi por amor a esta terra e à sua família que ele foi obrigado a praticar actos de tal violência contra pessoas não inocentes, que tentavam roubar as suas terras, os animais, a mulher e tentavam matar o seu próprio filho. Há culpa de ambas as partes. Sei que pode ser difícil para os familiares dos que morreram aceitarem que eles tinham culpas no cartório e que o que o coronel fez pode ser considerado uma legítima defesa. Sim. Quem conhece o coronel como eu conheço pode aceitar isso. Legítima defesa. (Pausa.) Acredito que uma das formas de os familiares aceitarem o regresso do coronel e aceitarem pôr um fim a esta violência e de os levar a desistir da vingança é nós, aqui, todos, porque somos figuras com importância na aldeia, sairmos desta reunião convictos de que a violência não pode continuar. Perdi muitos companheiros na guerra, sei o que é a dor e o luto. Se a violência continuar, custará muitas vidas, talvez a minha, talvez a de outros aqui presentes, talvez até dos que hoje querem a vingança: os próprios familiares dos que morreram também podem morrer, e não ficará ninguém para os chorar.

NAUSÍCA:

Aqui estão os homens de mais nobre carácter da nossa aldeia. Eumeu, homem leal a outro homem. Quem conhece a tua lealdade, e sabe que estás disposto a tudo para a defender, consegue compreender o que é ser leal à justiça. Melântio, espero que peses as minhas palavras devidamente, na balança bem calibrada do teu coração revoltado, e tires a medida justa delas, como acabaste de fazer com as tuas. As palavras que espero ouvir da tua boca, hoje, como amanhã, são palavras da verdade. As palavras são a moeda da honra. Apelo aos laços de fraternidade entre todos por saber que estas qualidades estão em vós como as uvas nas videiras, que só quando secam e morrem deixam de dar fruto. Os laços que nos unem àqueles que amamos, e com quem crescemos e vivemos, vinculam os nossos atos à paz e ao direito que temos de fazer rituais fúnebres das vítimas do massacre. Sei que o vosso sentido de justiça não vos deixa negar a importância que o luto

tem para a nossa futura e desejada paz. Queremos poder chorar os nossos mortos, para podermos abraçar o perdão.

EUMEU: Temos que começar de novo. Se estivermos juntos é possível. Se acreditarmos que pode haver paz a partir de agora, a paz pode existir na aldeia. O coronel pode voltar e governar. Esta terra pode continuar a ser próspera. Daremos um funeral digno aos que morreram. Com honra. Mesmo que alguns não a mereçam, por terem desonrado o coronel. Mais tarde prepararemos uma cerimónia em memória dos mortos onde o coronel pode lembrar todos os feitos dos que morreram às suas mãos. Para mim seria um momento especial ver os meus familiares a serem louvados pelo coronel. Mesmo depois de todas as maldades e ofensas que eles tenham praticado contra o coronel, a sua mulher e as suas terras. Aceito que haja pessoas que não pensem como eu. Se decidirmos aqui nesta assembleia que deve ser outra pessoa a dirigir essa cerimónia... Penélope, que é quem mais sofreu com todos os ataques... e que, se ela própria perdoar, é o maior sinal que podemos dar que algo mudou, e que depois daquela tempestade, tem que vir uma bonança. Penélope, eu estarei ao seu lado nesse dia. E nos seguintes. Sozinha, não. Com ajuda de pessoas que sempre estiveram nas terras a viver e a trabalhar.

NAUSÍCA: Penso que todos concordamos que o Coronel não merece o desterro, e que ao fim de tantos anos longe daqui a matar pela nossa pátria, deve poder regressar a casa em segurança para o conforto do seu lar e seio dos seus ente queridos, quem sabe recuperar a gerência da vinha, voltar a ter os trabalhadores do seu lado. No entanto, temo a ira dos nossos compatriotas, e assim temo pela segurança do Coronel. Apesar de todos termos noções de justiça diferentes, todos ansiamos por um exemplo de perdão que acalme os nossos corações. Precisamos que o Coronel regresse para junto de nós para nos perdoarmos mutuamente. Como ação de boa-fé, devem ser devolvidas as terras quem as pertence. Choraremos, faremos o nosso luto, recuperaremos aquilo que nos foi retirado, na esperança de que o regresso do Coronel nos

ilibe a todos de mais culpas. Posso afiançar que a testemunha que temem em nada vos deve preocupar. Aprendemos com este massacre e daqui seguimos no caminho da paz. Honramos este compromisso com a nobreza de quem assume que a vingança, como outrora foi praticada, é a barbárie, e por isso não é digna de nós, nem de ter o nosso nome.

MELÂNTIO:

Já todos falaram e deram a sua opinião. Palavras, palavras, palavras, palavras.... Todos nós nesta sala sabemos que o que conta para a máquina andar é a palavra. É o único contrato que temos. A Euricleia dedica a sua vida à família do Coronel e a tudo o que se passa lá dentro, o Eumeu não desiste de seguir o Coronel com toda a sua lealdade pela palavra que lhe deu. E estas palavras são tudo o que nós temos. Não há outro tipo de contrato. São palavras. No dia do massacre foi feito um pacto. Dei a minha palavra ao Coronel que agiria ao seu lado, do Telémaco e do Eumeu, em nome do bem comum. As palavras que ele usou para me convencer foram exatamente as que acabamos de ouvir da boca da Penélope. O discurso é o mesmo. As palavras são as mesmas. A lenga-lenga não muda. Já não valem nada. O Coronel faltou com o prometido, não cumpriu com o pacto que fez comigo. Caí nessa armadilha tal como estamos a ponto de cair mais uma vez se a nossa exigência não for outra para além da palavra. Quero ações. Quero provas. Aqui e agora. Quero que o Coronel volte, sim, mas só se cumprir com tudo o que nos prometeu a todos nós. Tal como eu dou a minha palavra de que farei o que estiver ao meu alcance para devolver os corpos aos familiares e que não vou abrir a boca se me perguntarem alguma coisa. Então? Nada? Acho que o melhor a fazer é dar oportunidade a quem realmente percebe o que está a fazer e a quem tem ideias para levar o negócio para a frente. A Penélope esteve vinte anos sozinha à frente da vinha. Ela sabe como fazer as coisas. Está tão por dentro como qualquer trabalhador. Mas uma vinha daquele tamanho exige ajuda. Eu e o Eumeu somos as pessoas ideais para dar uma nova vida à vinha, a par, claro está, da Penélope. A minha família sempre trabalhou na vinha. Eu estive lá desde pequeno. Conheço

como a palma da minha mão. E o mesmo se passa com o Eumeu... Acho que é o melhor a fazer.

PENÉLOPE:

Penso que para podermos prosseguir há três assuntos que devemos resolver em conjunto. Primeiro: a testemunha do massacre, aquela que fugiu. Ao contrário do que pode parecer mais óbvio, penso que o melhor é deixá-la em liberdade, como prova do nosso comprometimento com a paz. E esta, que é considerada a nossa fraqueza, será vista como uma força. Segundo: os corpos das vítimas do massacre. Devemos entregá-los às suas famílias, que há dois meses choram por eles. Não devemos nunca tentar esconder o que aconteceu, foi um marco na vida da nossa aldeia. Reconheçamo-lo. Façamos uma cerimónia de homenagem às vítimas desta tragédia. Isso será suficiente para satisfazer a obrigação de reparação dos danos causados às vítimas, aqui representadas por Nausíca, de quem esperamos uma oração de apaziguamento. E quem melhor que a deusa Atena para presidir a esta cerimónia? Honraremos a deusa honrando a obrigação de reparar as vítimas. Ela que como grande deusa vê para além de todos nós. Por fim, a liderança desta nova era. O Coronel é um homem extraordinário, inteligente, astucioso, todos nós o conhecemos. Mas é também um homem orgulhoso, que defende a sua honra a cima de tudo. Será ele capaz de pedir perdão a quem se sentiu injustiçado, quando no fundo tudo o que ele fez foi agir consoante as regras do seu mundo? O Coronel, o protegido da Deusa Atena, a Deusa da razão e do progresso, é um homem ardiloso, mas admitamos: pouco sensato. O coronel é um camarada, não deixa nenhum dos seus homens para trás. Mas desta vez, não cumpriu o que prometeu. O filho querido da Euricleia, esse homem justo e gentil, onde está se não nos nosso corações? Pensemos também nele: Estará o Coronel pronto para este novo mundo? O homem com quem eu casei é o mais extraordinário líder que alguma vez conheci. Mas a sua imagem perante a aldeia que só o conhece destes últimos eventos está comprometida e manchada. E desonrá-lo é tudo o que ninguém nesta mesa deseja. Talvez precisemos de um líder capaz de negociar, de dialogar com todas as partes. Alguém que conheça estas gentes e que esteja disponível para estes novo sistema de valores.

Pergunto-me se o Coronel, esse homem forte, honrado obstinado será a nossa melhor escolha para este período de paz que se avizinha e que tanto desejamos.

EURICLEIA:

Obrigada por me darem também a mim a oportunidade de falar perante esta assembleia, e obrigada à Penélope por ter coragem e força suficientes, não só nos últimos meses, como nos últimos vinte anos, para remar este barco apesar das circunstâncias. Todos aqui sabem o que aconteceu, eu não vou relembrar isso... E a porta... Eu não tenho culpa, não tenho culpa... Custa-me, mas o Coronel que eu vi crescer, que eu criei, que eu amei, como não amei ninguém, está morto. E nunca voltarei a amar ninguém. Sabiam que quando ele voltou, da guerra, fui a primeira aqui na casa a reconhecê-lo? Dei-lhe banho, com estas mãos, o meu menino. E aquela cicatriz... E depois aqueles corpos. Aqueles corpos... O maldito sangue que por mais que eu esfregasse não abandonava o chão! Vocês sabem o que é perder uma pessoa querida sem a velar? Conhecem a dor de perder um filho durante vinte anos? E depois mais vinte, e vinte, e vinte... Entreguemos os corpos. Nós não somos bárbaros. Somos? Então tenham alguma decência. Ele... ele foi com o pai. Ele foi com o pai, mas ele ainda vai voltar. Ele vai voltar e ele e a menina Penélope vão salvar isto como estava prometido. Há esperança para ele. Se ele não tivesse ido para a guerra... Ele e quem o levou... Malditos os deuses que comandam os homens para dentro das batalhas e saciam o desejo com o sangue dos mortais. Maldita sejas, Atenas, tu e o teu pai. Converto-me aos deuses antigos, deuses da terra, a Cronos e não aos seus filhos... Mas ele está morto, o meu menino. O meu menino está morto. Morto. E se ele voltar... Não este... O meu menino. Imaginem... Imaginem se ele voltasse. O coronel Telémaco vai voltar. Não vai? Eu amo aquele menino, como não amei ninguém. E ele vai voltar e na casa vai voltar a haver festas, música, bailes... E o chão vai ficar limpo e a mesa repleta de uvas...

ATENA:

Esta catástrofe que aconteceu entre nós, este horror, esta carnificina, fez-nos entender que se continuamos nesta direção só nos resta o

abismo da guerra, o terror da violência sem fim. Eu própria, outrora, defendi a justiça imediata. Mas há outra forma de construir a justiça. O Coronel é a principal razão que nos traz aqui... Quem nos diz que ele não está nesta sala, incógnito, à espera, como esteve no seu primeiro regresso? Talvez ele esteja a planear uma vingança contra as nossas palavras e esta aparente tibieza. As suas ações foram extremas, mas motivadas por outras ações igualmente extremas. Não planeará nenhuma vingança desta vez. O mais provável é que se retire em silêncio, mantendo o anonimato. Recordem-no com os olhos do vosso coração. Todos vocês conviveram com ele, todos se lembram da sua capacidade de escutar, de governar para todos, de pensar no bem de todos. Reconhecem Odisseu em algum dos presentes? Todos se lembram da sua generosidade enquanto anfitrião, das suas fartas festas, da sua alegria na partilha, da sua felicidade em ver todos felizes. Reconhem o Coronel em algum de nós? Estará ele presente? E se estiver, deve ele assumir a liderança deste tempo novo? Naturalmente, antes seria necessário reconhecer os erros cometidos, tornar público exatamente o que se passou aqui, reconhecer e recompensar as vítimas inocentes, fazer o luto, perdoar. É necessário uma amnistia que garanta que tudo o que aconteceu é admitido e não será jamais esquecido. Creio que temos de ser ousados e dar um salto de fé ainda mais corajoso. Chegou o momento de pensarmos numa nova forma de nos representarmos. Talvez a descendência, a família, a nobreza, apesar de serem valores importantes, não sejam já os que nos definem. Talvez seja importante olharmos à nossa volta e reconhecermos realmente em quem queremos confiar para nos representar, não pela sua ascendência, não pelo que foi outrora, mas pelo que é e por aquilo que poderá vir a ser no futuro. Chegou a hora de nos deixarmos de esconder atrás de famílias, nomes, tradições, e nos revelarmos como somos indivíduos, dotados de uma história, com capacidade de escolha, e de assumir a responsabilidade dessas escolhas. E a partir daí começar de novo. Mas recomeçar como? Com o Coronel como nosso líder? Ele continua a representar-nos como comunidade? Não.

ATENA (aparte): Ulisses não voltará agora. Mas o Coronel é um lince. Tudo passa e ele vive. Lembram-se daquele grande acidente, quando só havia IP5, em que morreu o governador civil? O coronel ia no carro. Os outros morreram todos, e ele só teve uns arranhões. Lembram-se dos grandes incêndios de há dois anos? O Coronel salvou-se e à casa onde estava. Tem mais vidas que um gato, isso é certo. Vai sobreviver a tudo, até ao povo.

ATO II

CENA 2

CORO DOS TRABALHADORES DA VINHA.

CORO:

venha atrás de nós

Quem quiser saber

A verdade

Quem quiser saber

a história verdadeira

venha atrás de nós

se as ruas têm mil ouvidos

as praças têm mil e um gritos

para nos darmos a ouvir

até ao infinito

Teremos vinho na mesa

Vinho no sangue

Vinho na cabeça

Vinho na boca

Gritos na boca

Para nos darmos a ouvir

FIM